

The background of the cover is a stylized, hand-drawn illustration in black ink on a light blue background. It depicts a coastal town with a prominent castle or fortress on a hill. In the foreground, a large wooden boat with a complex rigging system is shown on the water. The style is reminiscent of a woodcut or a detailed sketch.

VIAGEM E COSMOPOLITISMO

DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO
Ana Isabel Moniz
Joaquim Pinheiro
Leonor Martins Coelho
Alcina Sousa
Cristina Santos Pinheiro

VIAGEM E COSMOPOLITISMO DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO

Ana Isabel Moniz

Joaquim Pinheiro

Leonor Martins Coelho

Alcina Sousa

Cristina Santos Pinheiro

húmus

TÍTULO

VIAGEM E COSMOPOLITISMO: DA ILHA AO MUNDO

COORDENAÇÃO

Ana Isabel Moniz, Joaquim Pinheiro, Leonor Martins Coelho, Alcina Sousa e Cristina Santos Pinheiro

Filiação Institucional dos Coordenadores:

Universidade da Madeira

ASSISTENTE EDITORIAL

Alexandra Nunes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2021

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-610-4

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Abril de 2021

Depósito Legal:

481565/21

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Carmen Soares, Universidade de Coimbra

Eleonora Federici, L'Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"

Fernanda Mota Alves, Universidade de Lisboa

Gaia Bertoneri, Università degli Studi di Torino

Gonçalo Vilas-Boas, Universidade do Porto

Helena Carvalhão Buescu, Universidade de Lisboa

José M. Oliver-Frade, Universidad de La Laguna

José Manuel Esteves, Université Paris-Nanterre

Leonor Simas-Almeida, Brown University

Maria Luísa Leal, Universidad de Extremadura

Marta González González, Universidad de Málaga

Marta Teixeira Anacleto, Universidade de Coimbra

Miguel Ángel González Manjarrés, Universidad de Valladolid

Onésimo Teotónio Almeida, Brown University

Rodrigo Furtado, Universidade de Lisboa

Vitor Magalhães, Universidade da Madeira

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00509/2020.

Utopia e Viagem iniciática em *Le Chercheur d'or* de Jean-Marie Gustave Le Clézio

Utopy and initiation journey in *The
Prospector* by Jean-Marie Gustave Le
Clézio

CELINA MARTINS*

Resumo

Considerando que a utopia muda a ordem vigente e é arma da crítica (Ricoeur, 1991), a nossa reflexão incidirá na leitura do romance *Le Chercheur d'or* de Le Clézio que explora a hipótese de um mundo alternativo. Na reescrita do *Génesis*, Le Clézio encena a infância como o Éden de um espaço de liberdade e de felicidade, inscrito na nostalgia das origens. O narrador constrói a relação de fraternidade com o Outro, rompendo com os preconceitos coloniais de uma sociedade distópica que sucumbe ao lucro, à guerra e ao esquecimento. Para resgatar o tempo da pureza, o narrador realiza uma viagem iniciática à ilha de Rodrigues, em busca do tesouro do corsário desconhecido, onde se despoja do materialismo e instaura um diálogo com a descendente dos escravos rebeldes. O romance dá voz aos espoliados que desconstroem o valor do ouro e ensinam ao narrador os fundamentos do amor, da harmonia primordial e do autoco-nhecimento, privilegiando a fusão de culturas, a comunhão com a natureza e a vida simples. O texto de Le Clézio renova o género utópico ao concretizar o sonho do multiculturalismo, dado que uma sociedade sem utopia estaria morta, porque não assenta num projecto prospectivo (Ricoeur, 1991).

Palavras-chave: utopia, viagem, iniciação, reescrita, sonho, multiculturalismo.

Abstract

Considering that utopia changes the current order and is a weapon of criticism (Ricoeur, 1991), our reflection will focus on the reading of the novel *The Prospector* by Le Clézio that explores the hypothesis of an alternative world. In the rewriting of

* Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades, Centro de Estudos Comparatistas (CEC), Universidade de Lisboa.

celi@staff.uma.pt

Genesis, Le Clézio stages his childhood as the Eden of a space of freedom and happiness inscribed in the nostalgia of origins. The narrator builds the relationship of brotherhood with the Other, breaking with the colonial prejudices of a dystopian society that succumbs to profit, war and oblivion. In order to rescue the time of purity, the narrator undertakes an initiation journey on the island of Rodrigues, in search of the treasure of an unknown privateer, in which he strips himself of materialism and establishes a dialogue with the female descendant of the rebellious slaves. The novel gives voice to the dispossessed who deconstruct the value of gold and teach the narrator the fundamentals of love, of primordial harmony and self-knowledge, privileging the fusion of cultures, the communion with nature and with a simple life. Le Clézio's text renews the utopian genre by fulfilling the dream of multiculturalism since a society without utopia would be dead as it is not based on a prospective project (Ricoeur, 1991).

Keywords: utopy, journey, initiation, rewriting, dream, multiculturalism.

A palavra utopia foi pela primeira vez empregue por Thomas More no seu livro *Utopia* (1516) para designar uma ilha imaginária, um lugar remoto e indefinido, assente num estado de perfeição ideal que constrói uma república igualitária, fundamentada na justiça e na felicidade de uma comunidade que vive em harmonia, livre de ameaças físicas e de corrupções morais. O neologismo “utopia” é um vocábulo formado por derivação que provém, etimologicamente, do grego *topos* (lugar) ao qual se une o prefixo latino “u”: *ou + topos*, significando o não-lugar que existe como lugar literário, segundo a tradição de More. Nos momentos de crise ou de incerteza, a utopia cumpre a função revitalizadora de fonte de esperança, de amortização do dilaceramento e do desespero do homem, ajudando-o a “caminhar”¹, num processo de constante demanda que o impede de permanecer na inércia. Assente na imaginação produtiva, a utopia é a questionação da ordem existente² que surge da necessidade de construção de uma comunidade idealizada que critica as estruturas e o funcionamento da sociedade presente. Para Ricoeur, a utopia elabora um projecto imaginário de sociedade desejável que repensa “um modo diferente de ser”³ do social, possuindo “o poder ficcional de redescrever a vida”⁴ e de abrir o campo de uma “exploração do possível”⁵: o espaço dos modos alternativos de ser e estar no mundo. Reflectindo sobre os modelos de Saint-Simon e Fourier, os socialistas utópicos não-marxistas, Ricoeur argumenta que a utopia “é um sonho que se quer realizado”⁶. É na perspectiva de ruptura e de

1 Galeano 2006: 301.

2 Ricoeur 1991: 34.

3 Ricoeur 1986: 381

4 Ricoeur 1991: 501.

5 Ricoeur 1991: 53.

6 Ricoeur 1991: 34.

sonho realizável que o romance *Le Chercheur d'or* (1985) de Le Clézio explora cenários utópicos que surgem como modelos idealizados ao contestar a sociedade colonial que promove o materialismo e sufoca a espiritualidade do homem.

Inspirado pela aventura do avô paternal do escritor, Léon Le Clézio, a trama do romance *Le Chercheur d'or* decorre nas ilhas Maurícia e Rodrigues, ilhas mitificadas que se associam ao cenário recorrente da literatura utópica renascentista. O espaço do Boucan inscreve-se no mito do paraíso edénico, na medida em que o herói Alexis rememora as sensações de plenitude em contacto com a casa familiar e com as manifestações da natureza que se associam ao tempo do *Génésis*. Ao ancorar-se na pureza mítica da infância, Alexis insere-se no tempo da eternidade:

Je regarde la grande maison de bois éclairée par le soleil de l'après-midi avec son toit bleu ou vert, d'une couleur si belle que je m'en souviens aujourd'hui comme la couleur du ciel de l'aube. Je sens encore sur mon visage la chaleur de la terre rouge et de la fournaise (...) Quand j'approche de la maison, j'entends la voix de Mam qui fait réciter des prières à Laure, à l'ombre de la varangue. C'est si doux, si clair, que des larmes coulent encore de mes yeux et que mon coeur se met à battre très fort (...) J'entends le bruit doux des oiseaux du soir, je sens l'odeur de la fumée qui descend sur le jardin, comme si elle annonçait la nuit qui commence dans les ravins de Mananava. Puis je vais jusqu'à l'arbre de Laure, au bout du jardin, le grand arbre chalta du bien et du mal. Tout ce que je sens, tout ce que je vois me semble éternel⁷.

A infância está marcada pela fascinação pelo mar que convoca o espaço de transfiguração existencial no romance. Alexis revela uma relação simbiótica com o oceano, já que o acolhe como uma pessoa: “tous mes sens sont en éveil por mieux l'entendre arriver, pour mieux la recevoir”⁸. Ao anoitecer, a criança cumpre o ritual de subir a árvore chalta para contemplar a beleza grandiosa do mar. Ele deixa-se encantar pela voz infinita do mar, como se fosse a voz tranquilizadora da mãe. O mar embala a sua existência com a sonoridade bela “comme une musique”⁹. Bachelard associa este embalo à presença materna: “L'eau nous porte. L'eau nous berce. L'eau nous endort. L'eau nous rend notre mère”¹⁰.

Abrindo os braços à fraternidade, o narrador Alexis partilha a liberdade de descobrir a ilha Maurícia com o amigo negro Denis. Os dois correm pela floresta, percorrem rios e montanhas, desconhecendo o preconceito de etnia da sociedade colonial: “J'aime Denis. Il est mon ami. Mon cousin Ferdinand dit que ce n'est pas un ami,

7 Le Clézio 1985:22-23.

8 Le Clézio 1985: 11.

9 Le Clézio 1985: 85.

10 Bachelard 1942: 178.

puisqu'il est noir (...). Mais cela m'est égal"¹¹. Ambas as crianças possuem um olhar límpido, sem juízos de valor, inscritos no tempo da pureza da infância. Denis cumpre a função de ensinar Alexis a conhecer os mistérios da natureza numa perspectiva de entrega que valoriza o conhecimento transmitido de geração em geração:

J'aime Denis, il sait tant de choses à propos des arbres, de l'eau, de la mer. Tout ce qu'il sait, il l'a appris de son grand-père et de sa grand-mère aussi (...). Il connaît les noms de tous les poissons, de tous les insectes, il connaît tous les plantes qu'on peut manger dans la forêt, tous les fruits sauvages, il est capable de reconnaître les arbres rien qu'à leur odeur, ou bien en mâchonnant un bout de leur écorce¹².

Denis tem o dom de dar sentido ao mundo ao incutir a Alexis e à irmã Laure o amor pelas coisas simples da terra, inserindo-os no prazer do deslumbramento. O amigo negro mostra a Alexis a necessidade de preservar um elo aprofundado com a natureza, salientando a sua beleza, os seus benefícios e a sua riqueza. Ele ensina Alexis a respeitá-la, afastando-se dos padrões de comportamento da sociedade industrial que tendem a degradar o cosmos. A partilha de experiências com Denis significa absorver ao máximo a harmonia de uma vida idealizada que privilegia a comunhão com a natureza.

Graças a Denis, Alexis realiza a sua primeira viagem ao mar que implica uma vivência simbólica de purificação, já que ele recebe a energia revitalizante da água, como se fosse um baptismo: "Denis prend de l'eau de mer dans ses mains et mouille mon visage et mon corps"¹³. O êxtase perante a pujança do mar cria a sensação de um tempo mítico que se dilata e influenciará os percursos marítimos do narrador, impregnando-o de sede de conhecimento: "Jamais je n'oublierai cette journée si longue, cette journée pareille à des mois, à des années, où j'ai connu la mer pour la première fois"¹⁴.

Denis oferece a Alexis a semente que os negros resistentes – os marrons – comiam na época do herói negro Sacalavou, de modo a fornecer-lhe a força da subversão. Deste modo, pela primeira vez, Denis partilha com o seu amigo o gesto de revolta deste maron que se lança da falésia para não ser capturado pelos brancos. O facto de comer a semente adquire significado: Alexis entra no tempo sagrado, na medida em que repete um acto primordial¹⁵, praticado *ab origine* pelo marron.

Se Denis enraíza Alexis no apego ao mar e à terra, a mãe "Mam" é a voz que conta histórias primordiais, baseadas nos episódios da *Bíblia*. Mam transporta Alexis e a irmã Laure para outro mundo com umas quantas palavras, ela ancora-os no mundo

11 Le Clézio 1985: 15.

12 Le Clézio 1985: 17.

13 Le Clézio 1985: 57.

14 Le Clézio 1985: 25.

15 Eliade 1999: 20.

fabuloso da ficção. A sua educação desperta o espírito reflexivo das crianças: “elle nous questionne ensemble, sur le sens de ce que nous venons de lire, sur les mots, les expressions”¹⁶. Ela ensina os conhecimentos básicos que formarão o pensamento crítico de Alexis e Laure: “Elle nous enseigne ce dont avons besoin: écriture, la grammaire, un peu de calcul, et l’histoire sainte”¹⁷. Mam transmite o amor pela arte da palavra através de ditados que constituem momentos de fruição intensa em que as palavras fluem ao ritmo da criatividade: “j’attends que vienne la voix de Mam, inventant les mots un à un, (...) comme si elle les dessinait avec les inflexions des syllabes. Il y a les mots difficiles, qu’elle a choisis avec soin, car c’est elle qui invente le texte de nos dictées”¹⁸.

O pai ensina a interiorizar a beleza das estrelas que causa o deslumbramento de Alexis, atenuando os sentimentos disfóricos: “Moi aussi, j’ai vu Alcor, ou plutôt, je rêve que je l’ai aperçue, fine comme une poussière de feu au-dessus du timon du Grand Chariot. Et de l’avoir vue, cela efface tous les mauvais souvenirs, toutes les inquiétudes”¹⁹. Através da leitura de mapas, o ensino paternal liga continentes, mares e estrelas, despertando o desejo de Alexis de desbravar novos mundos à maneira dos navegadores que descobriram a rota das Índias, da Oceânia e da América.

O pai mostrará ao filho os documentos que o poderiam levar a encontrar o tesouro do corsário desconhecido. É a partir do ensino da astronomia e da geografia que Alexis aprende a fazer uma ligação mítica entre o sonho de viajar e o navio dos Argonautas, referindo-se à demanda de Jasão em busca do velo de ouro: “Je vois encore le dessin parfait, celui que j’aime le plus, et que j’ai cherché nuit après nuit dans le ciel d’été, au sud, dans la direction du Morne: le navire Argo”²⁰.

Contrariamente à educação massificada da escola colonial, Alexis e Laure têm acesso a uma educação alternativa, mais espiritualizada, que se fundamenta na experiência do espanto. Alexis aprende mundos novos a partir de um olhar longo e aprofundado sobre as coisas: “O espanto obriga-nos a uma revisão de nós próprios e do mundo que somos. Obriga-nos a recomeçar, como se fosse um nascer”²¹. A educação recebida insere-se num ideal utópico, na medida em que integra Alexis na interiorização da harmonia, na veneração da natureza e na sensibilidade pela ficção. Trata-se de um ensino libertador que não limita Alexis a ser um mero receptor de conhecimentos fragmentados: ele absorverá todas as experiências primordiais e será um ser de demanda, um ser movido pelo maravilhamento da descoberta, um ser em busca de constante superação.

16 Le Clézio 1985: 24.

17 Le Clézio 1985: 58-59.

18 Le Clézio 1985: 28.

19 Le Clézio 1985: 49.

20 Le Clézio 1985: 62.

21 Mendonça 2017: 20.

O percurso pela ilha Maurícia permite ao protagonista testemunhar dois tipos de violência. Por um lado, Alexis toma consciência da existência de uma sociedade injusta em que os homens brancos – os *sirdars* – maltratam e exploram os marginalizados nos campos de cana-de-açúcar. Por outro, a experiência do ciclone adquire o significado da desmesura da natureza. De acordo com os ensinamentos bíblicos, Alexis interpreta o ciclone como a força negativa da Queda que implica a devastação do dilúvio. O furacão provoca a destruição da casa mítica do Boucan: “une épave, c’est cela qui ressemble notre maison, en vérité, l’épave d’un navire naufragé”²². De igual modo, o cataclismo destrói a central eléctrica, anulando o projecto do pai de levar a electricidade para o Boucan. A decadência familiar intensifica-se: a mãe adoce devido à falência, o tio Ludovic, representante do capitalismo, compra as terras do Boucan para as transformar em campos de cana-de-açúcar. A morte súbita e incompreensível do pai será vista como um castigo do céu. Todas estas adversidades são consideradas como o fim do paraíso do Boucan, é o fim da felicidade da família, expulsa de um mundo idealizado “comme la mort, un voyage sans retour”²³.

A família instala-se no espaço urbanizado de Forest Side e vive o exílio, afastada da energia revitalizante do mar. Forest Side ganha os contornos da distopia, visto que o narrador se sente confinado a uma prisão. Ao contrário da educação humanista do Boucan, o colégio que Alexis frequenta está marcado pela hostilidade dos colegas que só usam palavras ordinárias e se limitam a falar de sexo. No entanto, Alexis é habitado pelo projecto de encontrar o tesouro do corsário desconhecido na ilha de Rodrigues, de modo a realizar o sonho atávico do pai: “Le rêve ancien de mon père, celui qui a guidé ses recherches, et qui a hanté toute mon enfance, je vais enfin pouvoir le réaliser! (...) C’est la volonté de mon père, et non la mienne”²⁴. Para Alexis, o tesouro permitiria readquirir a casa mítica do Boucan e recuperar o encantamento da infância: “Je reviendrai imprégné de l’odeur de la mer, brûlé par le soleil, fort et aguerri comme un soldat, pour reconquerir notre domaine perdu”²⁵.

A iniciação do herói Alexis começa com a ruptura com o universo da infância, inscrevendo o texto no género do *Bildungsroman*, o romance de aprendizagem: “Ceux qui ont choisi la quête (...) doivent abandonner toute situation familiale et sociale”²⁶. O narrador viaja na embarcação Zeta, transformado pela sua imaginação no navio Argo, conferindo-lhe a aura do mito grego que relata que a nave fora construída por Argo com a ajuda da deusa Atena. Segundo Grimal, esta nave fabulosa consegue passar pelos rochedos azuis, recifes móveis – as Cinêas – sem naufragar²⁷. De acordo com a

22 Le Clézio 1985: 89.

23 Le Clézio 1985: 99.

24 Le Clézio 1985: 172.

25 Le Clézio 1985: 150.

26 Eliade 1965: 156.

27 Grimal 1999: 44.

lenda, Jasão viaja nesta embarcação com os Argonautas e regressa de Cólquida com o velo de ouro²⁸ que lhe trouxe prosperidade, riqueza e imortalidade. A aventura marítima transforma Alexis, dado que amplia a sua capacidade de imaginar novos rumos de transfiguração: “Je crois que je ne suis plus le même, que je ne serai plus jamais le même”²⁹. Seguindo a rota determinada pelo capitão Bradmer, viajar significa entrar em simbiose incessante com diferentes ilhas, é entrar em ressonância com o mar que regenera o navio Zeta “semblable aux oiseaux de mer qui planent dans le vent”³⁰. O sujeito enunciador absorve o mar como a promessa de liberdade, que provoca a suspensão do tempo e transfigura a viagem num percurso de eternidade, dado que o céu e o mar se fundem: “je suis tout près de l’endroit où le ciel rencontre la mer. N’est-ce pas le signe qu’a suivi le navire Argo, dans sa course vers l’éternité?”³¹.

Na ilha de Rodrigues, Alexis submete-se a diversas provas físicas como a febre, a fome, a sede e o frio. Na sua procura pelo ouro, o protagonista transforma-se num pesquisador e geómetra, já que organiza mapas, papéis e resquícios que o poderiam levar à descoberta do tesouro. A sua busca implica viver meses de errância, sondar e escavar a terra sem cessar numa tarefa de Sísifo. Os dois esconderijos estão, porém, vazios, assim como a leitura minuciosa dos planos se revela ineficaz. Alexis enfrenta o fracasso do seu sonho. Será a jovem indígena Ouma quem conferirá um sentido aprofundado à busca existencial do herói.

Ouma é a fusão de duas culturas marginalizadas: o pai é um resistente da ilha de Rodrigues – um *manaf* – e a sua mãe é uma indiana, rejeitada pela casta por causa deste casamento intercultural. Os brancos esmagaram as pernas do pai por ele ter aderido à causa dos marrons de Sacalavou. A jovem integra-se na comunidade dos marrons revoltados, marcada pela pureza e a bondade.

Instaurando uma ponte com os ensinamentos de Denis, Ouma cumpre a função de iniciadora ao transmitir a Alexis as estratégias de resistência dos marrons que se escondem nas montanhas e apagam os seus vestígios. Ela recusa o ouro como valor ocidental, já que provoca desigualdades profundas e a violência entres os homens:

L’or ne vaut rien, il ne faut pas avoir peur de lui, il est comme les scorpions qui ne piquent qu’à celui qui a peur (...) Vous autres, le grand monde, vous croyez que l’or est la chose la plus forte et la plus désirable, et c’est pour cela que vous faites la guerre. Les gens vont mourir partout pour posséder l’or³².

28 Grimal 1999: 259.

29 Le Clézio 1985: 127.

30 Le Clézio 1985: 129.

31 Le Clézio 1985: 172.

32 Le Clézio 1985: 269.

Associada ao simbolismo regenerador da água, Ouma ensina Alexis a apreciar as virtudes de uma vida simples em simbiose com o mar que o incitam a recuperar a inocência da infância idílica:

Je plonge dans l'eau froide. Tout d'un coup je me souviens de ce que j'ai perdu depuis tant d'années, la mer à Tamarin quand avec Denis nous nagions nus à travers les vagues. C'est une impression de liberté, de bonheur (...) [Ouma et moi] Ensemble nous nageons dans l'eau transparente du lagon³³.

Ouma é o germe do amor que desperta o desejo de Alexis, transfigurando-o numa entrega sensual e cósmica, enraizando-o na busca de uma riqueza interior mais importante que o ouro. O contacto físico liberta os amantes ao proporcionar-lhes a força renovada e a experiência do êxtase:

Puis nous sommes l'un dans l'autre, sans que j'aie pu comprendre. Son visage est renversé en arrière, j'entends son souffle, je sens les battements de son coeur, et sa chaleur est en moi, immense, plus fort que tous ces jours brûlants sur la mer et dans la vallée. Comme nous glissons, comme nous nous envolons dans le ciel nocturne, au milieu des étoiles, sans pensées, silencieux et écoutant le bruit de nos souffles unis comme la respiration des dormeurs³⁴.

A busca do tesouro é interrompida pela participação de Alexis na Primeira Guerra Mundial, momento de ruptura que o leva a tomar consciência do horror e da morte absurda: “la guerre c'est la plus stérile des réunions d'hommes”³⁵. De regresso à ilha Maurícia, a travessia pelo mar ganha a dimensão de uma viagem purificadora de iluminação. A experiência iniciática da guerra contribui para a morte simbólica de Alexis que se despoja da ignorância e amadurece: “[L'initié] accède à la maturation spirituelle et finit par obtenir l'éclair – ou l'illumination – (...) et cette expérience mystique (...) lui révèle des capacités de perception extra-sensorielle”³⁶. Ao voltar à ilha de Rodrigues, o motivo da demanda de Alexis transforma-se, pois acede à experiência da libertação: “Autrefois, je ne savais pas ce que je cherchais, *qui* je cherchais. J'étais pris dans un leurre. Aujourd'hui je suis libéré d'un poids, je peux vivre libre, respirer”³⁷. Ele busca Ouma num percurso que lhe permite comungar com o verdadeiro tesouro: o conhecimento aprofundado de si mesmo. A mulher amada torna-se o *alter ego* de Alexis, ele encontra a componente feminina da sua identidade e abandona as funções

33 Le Clézio 1985: 229.

34 Le Clézio 1985: 234.

35 Le Clézio 1985: 281.

36 Eliade 1957: 106.

37 Le Clézio 1985: 336.

de soldado e de buscador de ouro para se centrar na demanda interior que implica restaurar a comunhão perdida com o universo: “Je crie son nom: Ou-ma-ah! (...) Il me semble que c’est mon propre nom que je crie, pour réveiller dans ce passage désert l’écho de ma vie, que j’ai perdu durant toutes ces années de destruction”³⁸.

Também será a experiência da distopia da sociedade colonial que transfigura a errância de Alexis, transformado pela sede da revolta. Como figura do colonizador, o primo Ferdinand propõe-lhe o cargo de contra-mestre nas plantações de Medina, visto como o espaço da escravidão. Após ter avistado Ouma nos campos onde trabalham os espoliados, Alexis compreende a mensagem crítica da mulher amada e rejeita a sua função de *sirdar* para trabalhar junto dos discriminados, desenterrando as pedras. Simbolicamente, Alexis cessa de ser o branco para se fundir com a alteridade dos explorados em busca de melhorar a sua condição miserável. Movido pelos princípios de igualdade e de fraternidade, Alexis faz um gesto de solidariedade que revela a busca de justiça num mundo colonial, fundamentado na alienação dos oprimidos.

Na busca de significação, Alexis regressa ao Boucan para cumprir o desejo de retorno às origens. Ele toma consciência da destruição do seu espaço matricial mas tem acesso à epifania ao ver a árvore chalta da sua infância que supera os efeitos do tempo como uma força da resistência contra os ciclones, a guerra e a exploração colonial. A árvore cria um espaço de utopia que significa a vivência de um mundo idealizado:

Ici le monde ne connaît pas la faim, ni le malheur. La guerre, cela n’existe pas. L’arbre chalta tient le monde au loin, par la force de ses branches. Notre maison a été détruite, notre père est mort, mais rien n’est désespérant puisque j’ai retrouvé l’arbre chalta³⁹.

Para dar alento à mãe que está a falecer, o narrador convida-a a mergulhar na história do Boucan como o lugar primordial da juventude e da beleza eternas, o espaço mítico da luz da casa com o tecto azul, cor que evoca a transfiguração do infinito. A palavra contada resgata o imaginário em que a mãe, Alexis e Laure se reencontram na promessa de perenidade de um mundo utópico que se revigora face à chegada da morte: “C’est un pays qui n’existe pas, il n’y a que pour nous trois qu’il existe. Et je crois qu’à force d’en parler, un peu de cette immortalité est en nous, nous unit contre la mort si proche”⁴⁰.

Num espaço em que os sentidos se embriagam pela beleza da ilha de Rodrigues, Ouma reaparece na floresta como força de luz, associada à leveza e à liberdade dos pássaros cujas asas são dois cometas brancos. A experiência da graça provoca a paragem

38 Le Clézio 1985: 328

39 Le Clézio 1985: 357.

40 Le Clézio 1985: 358.

do tempo e a suspensão do curso dos astros: Alexis e Ouma acedem à felicidade cósmica, ambos contemplam o voo dos pássaros e interiorizam a experiência da elevação.

Alexis faz uma viagem de transformação no espaço de Mananava, visto como o país dos sonhos e o lugar mitificado onde habitam os descendentes dos negros marrons. Ouma e Alexis revivem a comunhão com as forças da natureza numa atmosfera idealizada que se inscreve num tempo puro sem a corrupção do homem: “Nous avons rêvé des jours de bonheur, à Mananava, sans rien savoir des hommes”⁴¹. Os amantes alcançam a plenitude ao admirar o voo dos rabos-de-palha que adquirem o valor da sacralidade, já que instauram a ponte entre o céu e a terra ao comunicar os louvores de Deus, recriando a vitalidade do tempo mítico da redenção: “Ils sont si beaux, si blancs, ils planent aussi longtemps dans le ciel, sur le vent de la mer, que nous ne sentons plus la faim, ni la fatigue, ni l’inquiétude du lendemain (...) Nous le guettons chaque jour, au crépuscule, parce qu’ils nous rendent heureux”⁴². É através do contacto com a visão fulgurante dos pássaros como símbolo de ascensão que Ouma e Alexis alcançam a existência espiritual da transcendência. Para os amantes, Mananava propicia a entrega a uma vida simples e genuína, que os insere nos espaços dos marrons resistentes, como se absorvessem a seiva da sua revolta.

Num ritual purificador que implica o acesso à maturidade do viajante, Alexis queima todos os documentos do corsário, integrado na perspectiva de libertação: “[Le corsaire] a tout détruit, tout jeté à la mer. Ainsi, un jour, après avoir vécu tant de tueries et tant de gloires, (...) il a défait ce qu’il avait créé, pour être enfin libre”⁴³. A atração pelo ouro cessa de fazer sentido, a errância pelas ilhas confere a Alexis uma vitalidade nova que o conduz ao verdadeiro tesouro: o amor por Ouma, o alcance da paz interior e a comunhão com a harmonia do cosmos. Alexis atravessa um rito de passagem, ele renasce espiritualmente, abandona a existência degradada do tempo profano e integra-se no tempo sagrado.

Embora paire a ameaça do exílio dos resistentes, embora Ouma corra o risco de ser expulsa da ilha, o gesto do narrador é reinventar um lugar idílico em que ele e Ouma possam experienciar a viagem ideal, marcada pelo simbolismo de um recomeçar que implica a vivência da transfiguração da existência. A imagem mítica do Boucan entrecruza-se com a irrupção de um espaço novo, situado no sonho, o lugar do outro lado do mundo. Neste espaço pleno de renovação que canta a fertilidade do imaginário e a imersão na experiência de paz e de renascença, o narrador projeta-se na memória da casa ressuscitada, resgata a visão da mãe amada, o jardim edénico e a liberdade do mar, partilhada com a irmã Laure na dinâmica do eterno retorno. Cada coisa, cada ser fala

41 Le Clézio 1985: 364.

42 Le Clézio 1985: 365-366.

43 Le Clézio 1985: 373.

de um novo rumo que convoca “la perfection du bonheur terrestre”⁴⁴. Como o navio Zeta naufragou por causa de um furacão, Alexis confere à viagem a cor do mito ao errar no mar, recuperando a imagem sublimada do barco Argo de Jasão, o navio “invincible, triomphant, qui pouvait affronter toutes les tempêtes, un navire plein de puissance divine”⁴⁵. Como Jasão, Alexis afrontou as provações que colocavam em perigo a sua demanda de significado.

Neste desfecho do romance, Mananava é a metáfora da eternidade do sonho utópico: o espaço da felicidade da idade adulta. Como o sonho não tem limites, Alexis imagina que Ouma está ao seu lado, ela não desapareceu por causa das desigualdades da sociedade capitalista. Ela é a grande mediadora, a companheira de um percurso ideal que significa percorrer novas ilhas num sonho libertador. Ambos enfrentarão o interdito que impede que as mulheres viajem na ilha de Saint-Brandon, o lugar que representa o paraíso terrestre onde os homens vivem e ignoram o pecado e a ameaça de morte. O outro lado do mundo reflecte a luz da utopia ao afirmar o nascer da esperança num mundo de paz: “De l’autre côté du monde, dans un lieu où l’on ne craint plus les signes du ciel, ni la guerre des hommes”⁴⁶. Nesta última viagem, a voz do narrador encontra a verdade espiritual e a harmonia interior, ele reinstaura o tempo cíclico, pois apela ao mar como a presença plena de vigor que abre e fecha o romance.

Considerando que a utopia é “a arma da crítica”⁴⁷, o romance *Le Chercheur d’or* encena a ruptura com o mundo hierárquico do capitalismo. Le Clézio postula o regresso a uma vida primitiva mais espiritualizada, afastada da corrupção da sociedade ocidental. Ao privilegiar a vida da comunidade dos *manafs*, o autor cria um mundo harmonioso e libertador da utopia, que, segundo Morin, desperta as consciências e abre o caminho para novas perspectivas⁴⁸.

Como um palimpsesto que contém vestígios de textos anteriores, permitindo a coexistência entre o antigo e o novo, o romance “plurivocal”⁴⁹ dá voz aos espoliados que desconstroem o valor do ouro ocidental e ensinam ao narrador os fundamentos do amor, da harmonia primordial e do autoconhecimento numa perspectiva de autenticidade, inscrita numa comunidade que privilegia a fusão de culturas, a comunhão com a natureza e a vida simples. A errância por novos rumos transforma a existência do herói, que se regenera após ter atravessado diferentes provas de iniciação.

O romance *Le Chercheur d’or* valoriza uma sociedade idealizada que luta contra os flagelos do colonialismo e da opressão no sentido de ser responsável por aqueles que

44 Le Clézio 1986: 140.

45 Le Clézio 1986: 66.

46 Le Clézio 1985: 375.

47 Ricoeur 1991: 488.

48 Morin 2000: 52.

49 Bakhtine 1978: 87.

não nasceram⁵⁰. O texto inscreve-se no projecto utópico que, segundo Le Clézio, tenta reparar os erros cometidos⁵¹ pelo homem. Diferentemente de More, que não alimenta a esperança de ser vir a concretizar a utopia⁵², Le Clézio acredita que a utopia pode ser realizável ao construir um mundo possível que condena o padrão de vida capitalista, movido pela ética da responsabilidade perante os deserdados: “je crois qu’il faut tendre à réaliser le paradis sur terre, c’est-à-dire, enfin réaliser l’utopie”⁵³. Considerando que uma sociedade sem utopia estaria morta porque não assenta num projecto prospectivo, segundo Ricoeur⁵⁴, a escrita de Le Clezio renova o género utópico ao concretizar o sonho da celebração do multiculturalismo. Ouma e Alexis manifestam a união ideal entre as etnias que regenera a crença na possibilidade de um mundo humanizado, fundamentado no diálogo e respeito pela diversidade, no enriquecimento mútuo e no equilíbrio entre o universal e o particular, entre o comum e o diferente.

Bibliografia

Fonte

Le Clézio, J.-M. (1985), *Le Chercheur d’or*, Paris.

Estudos

Bachelard, G. (1942), *L’Eau et les rêves*, Paris.

Bakhtine, M. (1978), *Esthétique et Théorie du roman*, Paris.

Dutton, J. (2003), *Le Chercheur d’or et l’Ailleurs. L’utopie de J. M. Le Clézio*, Paris.

Eliade, M. (1957), *Mythes, rêves et mystères*, Paris.

Eliade, M. (1965), *Le Sacré et le Profane*, Paris.

Eliade, M. (1999), *O Mito do Eterno Retorno*, Lisboa.

Galeano, E. (2006), *Las Palabras Andantes*, Madrid.

Grimal, P. (1999), *Dicionário da Mitologia grega e romana*, Lisboa.

Le Clézio, J.-M. (1986), *Voyage à Rodrigues*, Paris.

Mendonça, J. (2017), *O Pequeno caminho das grandes perguntas*, Lisboa.

Morin, E. (2000), “Est-il utopique de relier les connaissances?”, *Revue des Deux Mondes*, 51-54.

Ricoeur, P. (1986), *Do Texto à Acção: ensaios de Hermenêutica II*, Porto.

Ricoeur, P. (1991), *Ideologia e Utopia*, Lisboa.

50 Morin 2000: 53.

51 Dutton 2003: 283.

52 Ricoeur 1991: 500.

53 Dutton 2003: 282.

54 Ricoeur, 1991: 34.